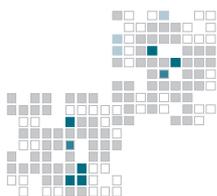


MEDIAÇÕES NO FACEBOOK POR JOVENS BRASILEIROS: SEMELHANÇAS E DIFERENÇAS DE DOIS GRUPOS DISTINTOS.

MEDIATIONS ON FACEBOOK BY BRAZILIAN YOUNG PEOPLE:
SIMILARITIES AND DIFFERENCES OF TWO DIFFERENT GROUPS.

*MEDIACIONES EN FACEBOOK POR JÓVENES BRASILEÑOS: SEMEJANZAS
Y DIFERENCIAS DE DOS GRUPOS DISTINTOS.*

42



Chirlei Diana Kohls

■ Mestra pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Paraná (UFPR).

■ E-mail: chirleidiana@gmail.com

Claudia Irene de Quadros

■ Professora do Programa em Comunicação da Universidade Federal do Paraná. Doutora em Comunicação pela Universidade de La Laguna (ULL). Pós-doutora pela Universidade Pompeu Fabra (UPF).

■ E-mail: clauquadros@gmail.com.

RESUMO

A mediação e a circulação de conteúdos nas redes sociais digitais são revisitadas para a análise de publicações no Facebook de jovens brasileiros que vivenciam culturas e contextos distintos. Por meio da etnografia virtual e da entrevista em profundidade, foram pesquisados dois grupos de jovens de Curitiba, capital do Paraná, sul do Brasil: o de conflito com a lei e o de evangélicos. O primeiro grupo faz parte dos internos da Casa de Semiliberdade e o segundo de estudiosos do evangelho da Comunidade Alcance. Neste artigo, mostramos que as mediações do Facebook surgem a partir das vivências dos sujeitos e do contexto no qual estão inseridos.

PALAVRAS-CHAVE: MEDIAÇÃO; CIRCULAÇÃO DE CONTEÚDOS; FACEBOOK; JOVENS.

ABSTRACT

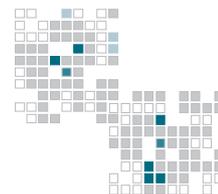
The mediation and circulation of content in digital social networks are revisited for the analysis of publications on Facebook by Brazilian young people who experience different cultures and contexts. Through netnography and in-depth interview, two groups of young people from Curitiba, capital of Paraná, southern Brazil, were researched: those with conflict with the law and evangelicals. The first group is composed of inmates from Casa de Semiliberdade and the second is an evangelical group from Comunidade Alcance. In this article, we demonstrate that Facebook mediations arise from the subject's experiences and the context in which they are inserted.

KEY WORDS: MEDIATION; CIRCULATION OF CONTENTS; FACEBOOK; YOUNG PEOPLE.

RESUMEN

Las mediaciones y la circulación de contenidos en las redes sociales digitales son revisitadas para el análisis de publicaciones en Facebook de jóvenes brasileños que experimentan culturas y contextos distintos. Por medio de la netnografía y de la entrevista en profundidad, fueron investigados dos grupos de jóvenes de Curitiba, capital del Paraná, sur de Brasil: el de conflicto con la ley y el de evangélicos. El primer grupo forma parte de los internos de la Casa de Semiliberdade y el segundo de estudiosos del evangelio de la Comunidade Alcance. En este artículo, enseñamos que las mediaciones de Facebook surgen a partir de las vivencias de los sujetos y del contexto en el que están insertados.

PALABRAS CLAVE: MEDIACIÓN; CIRCULACIÓN DE CONTENIDOS; FACEBOOK; JÓVENES.



1. Introdução

As mediações estão imbricadas nos processos comunicativos de todos os indivíduos e de distintos cenários, desde relações de trabalho até trocas familiares. Nesse sentido, a cultura atravessa o cotidiano e se manifesta em todos os diferentes contextos. Com o crescente uso das redes sociais digitais¹ também percebemos essas mesmas situações no ambiente digital.

Diante do tensionamento desses aspectos, o objetivo deste artigo é analisar de que forma as mediações atravessam publicações de jovens em conflito com a lei e de evangélicos no Facebook. Para compreender as mediações em diferentes cenários, optamos por fazer um estudo comparativo com jovens de contextos culturais e sociais distintos de Curitiba, capital do Paraná, estado do sul do Brasil, bem como a constituição dos grupos.

A pesquisa foi realizada com jovens evangélicos da Comunidade Alcance e de jovens em conflito com a lei da Casa de Semiliberdade de Curitiba, com um universo composto por seis pessoas, sendo três em conflito com a lei e três evangélicos. Em 2017, período em que a investigação foi finalizada, a idade dos sujeitos pesquisados variava entre 18 a 23 anos.

Os jovens em conflito com a lei vivem na Casa de Semiliberdade de Curitiba, que possui duas moradias com nove meninos em cada uma. Eles ficam lá de segunda a sexta-feira e aos fins de semana podem sair da instituição e voltar para suas residências. A permanência média dos jovens na instituição é de seis meses a um ano – os participantes desta pesquisa têm pelo menos um ano de liberdade restringida. Os sujeitos pesquisados

são de classes sociais variadas; e um deles concluiu o ensino médio, um ainda cursa o ensino médio, e outro estuda no ensino fundamental.

A Comunidade Alcance de Curitiba atua com um modelo celular de multiplicação – além dos encontros nos cultos na igreja, os membros se reúnem semanalmente para discutir o tema dos cultos dominicais e contar experiências. Os participantes desta pesquisa fazem parte de uma célula jovem e são evangélicos desde a infância e também são de classes variadas. Uma tem graduação em Letras, outra é estudante de Engenharia Civil e um cursa o ensino médio.

Para conhecer os jovens e sua relação com a mídia e as redes sociais digitais, optamos por realizar as seis entrevistas em profundidade (Duarte, 2014) antes da pesquisa com base nos preceitos da etnografia virtual. Essa aproximação também auxiliou na autorização dos jovens para análise de seus perfis no Facebook. Ao todo, são 134 *posts*, que compreendem quatro meses, de setembro a dezembro de 2016.

A técnica de etnografia virtual desta pesquisa segue a perspectiva da internet como artefato cultural, que “observa a inserção da tecnologia na vida cotidiana” (Fragoso; Recuero; Amaral, 2011, p. 42). As autoras defendem que assim é possível compreender que as fronteiras entre o online e off-line são fluídas e interatuam. Por isso, elas são consideradas na análise das mediações que atravessam os conteúdos publicados no Facebook com um cruzamento de dados a partir das entrevistas em profundidade.

Os resultados mostram que as mediações são transpostas para o Facebook a partir das experiências e vivências dos jovens e do contexto no qual estão inseridos. Os dados são tensionados com a teoria das mediações de Jesús Martín-Barbero (2009a, 2009b) e o modelo das múltiplas mediações de Guillermo Orozco Gómez (1994). Já as discussões sobre a circulação de conteúdos consideram o compartilhamento nas redes

¹ 3,3 bilhões de pessoas utilizam mídias sociais no mundo, segundo pesquisa feita pelas plataformas Hootsuite e We Are Social em julho de 2018. Os dados ainda mostram crescimento de 11% em relação ao mesmo período do ano anterior. Disponível em: <<https://goo.gl/cXAXPd>>. Acesso em: 2 ago. 2018.

sociais digitais feito a partir das experiências de cada indivíduo (Jenkins; Ford; Green, 2014).

2. Percurso metodológico

Foi a observação dos sujeitos pesquisados aliada a outros caminhos, como a pesquisa da pesquisa, a pesquisa exploratória e a pesquisa bibliográfica, que guiaram decisões no percurso metodológico. Esse artigo traz parte de resultados de uma pesquisa de mestrado que buscou analisar de que forma as mediações atravessam o consumo midiático de jovens em conflito com a lei e de jovens evangélicos em contexto de convergência cultural. A ideia de pesquisar dois grupos de jovens surgiu a partir da inquietação de observar grupos distintos para verificar possíveis semelhanças e divergências no consumo midiático de jovens inseridos em contextos diferentes.

Nesse sentido, a realização de pesquisa exploratória (Bonin, 2011; Lopes, 2008) foi importante para definir parte dos procedimentos metodológicos e escolher o primeiro grupo de jovens a ser pesquisado: os evangélicos. Estudantes universitários do curso de Relações Públicas da Universidade Federal do Paraná (UFPR), em Curitiba, foram acompanhados durante um semestre, em 2015, na disciplina de Teoria de Opinião Pública.

Adicionamos e acompanhamos os jovens no Facebook e percebemos que as postagens e compartilhamentos sobre questões religiosas eram recorrentes em diferentes perfis na rede social digital. Como houve crescimento de evangélicos no Brasil, de acordo com o Censo Demográfico 2010, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), optamos por pesquisar jovens dessa religião. Chegamos ao grupo de jovens evangélicos da Comunidade Alcance, de Curitiba, a partir do contato com uma das estudantes universitárias.

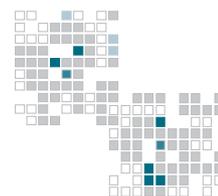
O próximo passo foi a pesquisa da pesquisa (Bonin, 2011), na qual fizemos buscas com combinações de palavras relacionadas a esta perspectiva

de análise, acrescentando o consumo midiático, em 13 bases de dados do Brasil. Encontramos oito teses e 29 dissertações, com defesas realizadas de 2006 a 2015 – cinco têm relação mais direta com esta pesquisa, mas nenhuma converge com todos os aspectos metodológicos da pesquisa em tela. Além de contribuir para a continuação da construção teórico-metodológica, essa etapa auxiliou na escolha do segundo grupo de jovens a ser pesquisado: os jovens em conflito com a lei. Esse grupo foi definido por se alinhar com a proposta de trabalhar com outro grupo de jovens inserido em um contexto diferente e com a inquietação de pesquisar o consumo midiático de jovens em um cenário ainda pouco explorado, conforme mostrou a pesquisa da pesquisa.

Para a pesquisa de mestrado, o contato inicial com os jovens foi a partir de grupos focais. Aplicamos quatro grupos focais, com seis participantes cada, sendo dois com jovens evangélicos e dois com jovens em conflito com a lei. Optamos por focar nesse artigo nos resultados alcançados a partir das entrevistas em profundidade e da etnografia virtual com um recorte para as mediações atravessadas em publicações dos jovens no Facebook.

A seleção para participar das entrevistas em profundidade foi feita após os grupos focais de forma intencional para aprofundar o consumo midiático de jovens com diferentes perfis e percepções. “A seleção é intencional quando o pesquisador faz a seleção por juízo particular, como conhecimento do tema ou representatividade subjetiva” (Duarte, 2014).

O primeiro critério para escolha dos participantes das entrevistas em profundidade foi a idade dos jovens. Como nos grupos focais trabalhamos com um público de uma faixa etária mais distante entre si, de 15 a 29 anos, pensando na possibilidade de haver alguma diferença de consumo midiático por conta da idade, optamos por fazer as entrevistas com jovens num recorte de faixa etária mais aproximada, de 18 a 23 anos. A partir



disso, o número de entrevistados ficou reduzido. Mas como ainda havia mais de três jovens nessa faixa etária em ambos os grupos, o segundo critério para definição dos jovens entrevistados foi a participação durante os grupos focais. Buscamos selecionar jovens com particularidades quanto ao consumo midiático, como a motivação para usar determinada mídia ou não, e de perfis distintos, como de classes sociais, escolaridade, morar com os pais ou não.

Escolhemos trabalhar com entrevistas em profundidade semi-abertas, que entre as suas principais qualidades têm “a flexibilidade de permitir ao informante definir os termos da resposta e ao entrevistador ajustar livremente as perguntas” (Duarte, 2014, p. 61). As entrevistas em profundidade possibilitaram observar detalhes e a forte presença das mediações de acordo com as experiências e contextos de cada um – o roteiro abordou os principais eixos da pesquisa: consumo midiático, mediações, convergência cultural e de meios e circulação de conteúdos.

A última etapa foi a técnica de etnografia virtual (Fragoso; Recuero; Amaral, 2011), com acompanhamento e análise dos perfis no Facebook dos mesmos seis jovens que participaram das entrevistas em profundidade. A rede social digital foi escolhida por ser uma das mais citadas durante a pesquisa exploratória e também na aplicação dos grupos focais com os sujeitos pesquisados.

Criamos um perfil no Facebook especificamente para esta pesquisa para que houvesse um distanciamento dos jovens com os perfis das pesquisadoras, sem acesso a informações pessoais das mesmas, e para facilitar a coleta de dados. Convidamos, pessoalmente ao final das entrevistas em profundidade, os jovens a participarem da etnografia virtual, explicando que os perfis e *posts* deles no Facebook seriam analisados preservando a identidade dos mesmos.

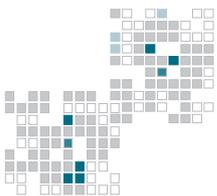
Optamos pela observação “silenciosa” (Fragoso; Recuero; Amaral, 2011) sem interagir com

os usuários por meio de curtidas ou outras reações, comentários ou compartilhamentos. Nos primeiros meses de acompanhamento dos perfis no Facebook, acessávamos a rede social digital semanalmente e registrávamos categorias que apareciam comumente, bem como possibilidades de discussões posteriores na análise. Também capturamos, em *print screen*, as imagens dos *posts* do primeiro mês observado para verificar se houve alguma alteração posterior em relação aos conteúdos já publicados nos perfis. Como havia possibilidades de interações ainda durante a etnografia virtual de setembro a dezembro de 2016, apenas após o período, em janeiro de 2017, tabulamos detalhadamente cada *post* dos jovens e chegamos às categorias de análise, que foram criadas de acordo com o andamento da observação dos *posts* na rede social digital, totalizando 28. Não foi feito uso de software para a análise.

3. A teoria das mediações e o modelo das múltiplas mediações

O conceito de mediações possui várias definições, como mostram as obras do espanhol Jesús Martín-Barbero. Para o autor, “o campo daquilo que denominamos *mediações* é constituído pelos dispositivos por meio dos quais a hegemonia transforma por dentro o sentido do trabalho e da vida da comunidade” (Martín-Barbero, 2009a, p. 265, grifo do autor). Em *Ofício de cartógrafo*, publicada em 2004, o autor discute a reconfiguração das mediações a partir de “novos modos de interpelação dos sujeitos e de representação dos vínculos que unem a sociedade” (Martín-Barbero, 2004, p. 225).

Dessa maneira, a definição do que seriam as mediações atravessa a complexidade das relações dos indivíduos diante de sistemas sociais e dos meios de comunicação. Percorrendo a trajetória das mediações proposta por Martín-Barbero, Lopes (2014, p. 68, grifos da autora)



define que “a *mediação* pode ser pensada como uma espécie de estrutura incrustada nas práticas sociais e na vida cotidiana das pessoas que, ao realizar-se através dessas práticas, traduz-se em *múltiplas mediações*”.

Desde a publicação de sua obra seminal², Martín-Barbero já apresentou três mapas para representar as mediações a partir da comunicação, da cultura e da política. O primeiro, de 1987, reflete as mediações culturais da comunicação; o segundo, de 1998, desenvolve as mediações comunicativas da cultura; e o terceiro, de 2009, discute as mediações a partir de mudanças culturais. Neste artigo, exploramos o segundo (figura 1) e o terceiro (figura 2) mapas.

Figura 1. Mapa das mediações comunicativas da cultura



Fonte: Martín-Barbero (2009a).

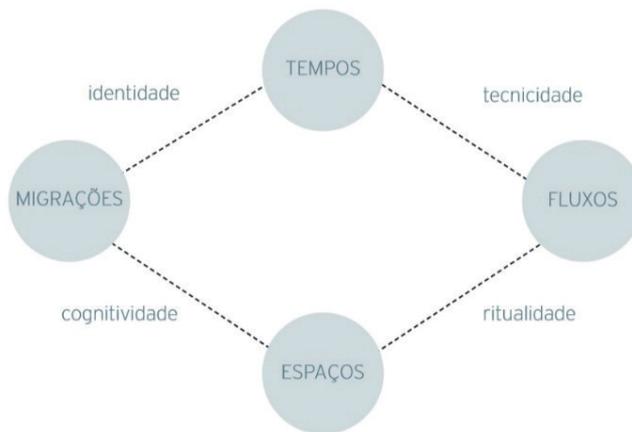
Nesse mapa (figura 1), Martín-Barbero (2009a) explica que as relações entre matrizes culturais e lógicas de produção encontram-se mediadas por diferentes regimes de institucionalidade, enquanto as relações entre matrizes culturais e competências de recepção ou consumo estão mediadas por diversas formas de socialidade. E ainda entre as lógicas de produção e os formatos industriais medeiam as tecnicidades e entre os formatos industriais e as competências de recepção ou consumo, as ritualidades (Martín-Barbero, 2009a).

De forma resumida, a socialidade está vinculada às relações cotidianas que tecem os homens, aos processos primários de interpelação e à constituição dos sujeitos e identidades (Martín-Barbero, 2004). Densa de interesses e poderes contrapostos, a mediação de institucionalidade afeta especialmente a regulação de discursos, que por parte do Estado buscam dar estabilidade à ordem constituída, e por parte dos cidadãos buscam defender seus direitos e fazer-se reconhecer (Martín-Barbero, 2009a).

Já a mediação de tecnicidade incorpora instrumentos, saberes e práticas (Martín-Barbero, 2004). E a mediação de ritualidade “é o que na comunicação há de permanente reconstrução do nexos simbólico: ao mesmo tempo repetição e inovação, âncora na memória e horizonte aberto” (Martín-Barbero, 2004, p. 231).

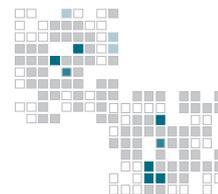
Na transformação da comunicação, Martín-Barbero, em 2009, redesenha o mapa das mediações a partir das mudanças culturais. Para o autor, as visibilidades são construídas para os outros e para nós mesmos. Este mapa traz as categorias migrações, tempos, fluxos e espaços.

Figura 2. Mapa das mediações para investigar as mudanças culturais



Fonte: Martín-Barbero (2009b).

² A obra seminal é *Dos meios às mediações*, em 1987.



Diante das mutações culturais, as mediações passam a ser, para Martín-Barbero (2009b), transformações do tempo e do espaço a partir dos grandes eixos de migrações e fluxos de imagens. O autor defende que tudo isso deve ser pensado de forma conjunta. Com a compressão do tempo e do espaço, Martín-Barbero (2009b) recompõe as duas mediações fundamentais: a identidade e a tecnicidade, observando o movimento da tecnicidade para identidade.

Martín-Barbero (2009a) tem servido de inspiração para outras reflexões, como a de Orozco Gómez (1994) sobre mediações múltiplas. “Orozco defende que no processo de apropriação se apresentam múltiplas mediações, de acordo com as instâncias sociais onde é realizado” (Mondero, 1994, p. 31, tradução nossa). O autor sugere quatro grupos de mediações, entendendo que a cultura permeia todas elas (Orozco Gómez, 1994): individual, situacional, institucional e tecnológica ou videotecnológica.

A mediação individual surge do sujeito por meio do desenvolvimento cognitivo e emocional específico, como um sujeito social, membro de uma cultura – o autor cita o gênero, a idade e a etnicidade como fontes de mediação da mediação individual. A mediação situacional é apresentada para descrever a interação entre TV e receptores. No processo de recepção televisiva, Orozco Gómez (1994) mostra que cada cenário pode incluir possibilidades e limitações. A mediação institucional revela que a audiência é muitas coisas ao mesmo tempo, participando de diversas instituições sociais. E a mediação tecnológica traz o meio de comunicação como instituição social que reproduz mediações institucionais e a sua própria mediação para impô-la sobre a audiência.

4. Circulação de conteúdos no cenário midiático

A troca e conexão entre as pessoas em diferen-

tes grupos sociais pode ser observada na sociedade desde sua constituição inicial e antiga, muito antes da inserção da tecnologia em suas práticas cotidianas e das próprias redes sociais digitais, que apenas evidenciaram a circulação de conteúdos. Como nos lembra Thompson (2013, p. 35), “em todas as sociedades os seres humanos se ocupam da produção e do intercâmbio de informações e de conteúdo simbólico”.

Diante do cenário midiático convergente contemporâneo, Jenkins, Ford e Green (2014) sugerem um modelo de propagabilidade que estimula a circulação de conteúdo com a participação de um público muito mais ativo, que “determina o que ganha valor” (Jenkins; Ford; Green, 2014, p. 47).

Ao ter acesso ao link de uma notícia nas redes sociais digitais, por exemplo, o internauta observa o que a pessoa que a compartilhou quis transmitir além da fonte inicial (o meio de comunicação) e reflete sobre os motivos que a levariam a fazer recircular o conteúdo, agregando valor ou não ao que recebeu (Jenkins; Ford; Green, 2014). Esse caso pode ser notado quando os jovens dizem que compartilham conteúdos direcionados para amigos em conversas privadas ou em grupos do WhatsApp, ou quando relatam que confiam mais na informação compartilhada por pessoas próximas. “Pra mim, realidade é só o que vejo. Ou quando alguém da minha família diz”, afirma um jovem em conflito com a lei (2016), de 19 anos.

Os autores ainda consideram que na cultura conectada em rede, não é possível identificar uma causa isolada que leve as pessoas a propagar informações, sendo que tomamos uma série de decisões de cunho social quando difundimos algum texto na mídia (Jenkins; Ford; Green, 2014), mesmo que isso aconteça muitas vezes como que automaticamente, sem elencar as respostas de questões específicas, como “vale a pena se engajar neste conteúdo?” (Jenkins; Ford; Green, 2014, p. 37).

Podemos pensar também a apropriação de

conteúdos envolvida pelos valores, significações e sentimentos de cada pessoa – uma subjetividade que ao mesmo tempo é cercada pela coletividade de experiências vivenciadas no contexto no qual se está inserido. Para Martín-Barbero (2000), por exemplo, há um modo de ouvir rádio que é diferente nos jovens e nos adultos. “Eu penso que há uma maneira individual, mas essa maneira individual está impregnada, moldada, por uma série de dimensões culturais, que são coletivas” (Martín-Barbero, 2000, p. 155). Outros autores, como Thompson (2013), acreditam ser necessário pensar os meios de comunicação a partir de contextos sociais de seus consumidores e produtores. Nesta pesquisa, consideramos o contexto de jovens pesquisados na análise das publicações no Facebook e a partir das discussões sobre mediações e circulação de conteúdos e sua relação com a cultura.

5. Publicações no Facebook perpassadas por mediações

Foram analisados os seis perfis dos jovens que também participaram das entrevistas em profundidade, sendo três jovens em conflito com a lei e três jovens evangélicos. Ao todo, são 134 *posts*, que compreendem quatro meses, de setembro a dezembro de 2016, dos seis perfis no Facebook. Além dos *posts*, foram analisadas as informações de perfil dos jovens³.

Os resultados da etnografia virtual mostram como algumas mediações também aparecem no Facebook a partir das experiências e contexto de cada jovem, que se refletem nos perfis e *posts* na rede social digital. No caso dos jovens em conflito com a lei, por exemplo, a mediação individual (cognitiva) (Orozco Gómez, 1994) aparece nos conteúdos compartilhados no Facebook. Isso

reflete o afastamento do contexto social no qual estavam inseridos antes de terem a liberdade restringida. Já os jovens evangélicos transpõem para o Facebook a mediação de sociabilidade (Martín-Barbero, 2009a) com conteúdos que evidenciam as relações cotidianas na igreja, na família e nas amizades.

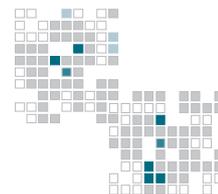
Sobreposta tanto pela mediação de sociabilidade (Martín-Barbero, 2009a) quanto pela individual (cognitiva) (Orozco Gómez, 1994), a mediação institucional (Orozco Gómez, 1994; Martín-Barbero, 2009a) é determinante na circulação de conteúdos de ambos os grupos de jovens no Facebook. Na Casa de Semiliberdade não é permitido acesso a redes sociais digitais, por exemplo, o que limita o uso desse público aos fins de semana, refletindo numa menor exposição no Facebook. Os jovens evangélicos trazem valores e percepções religiosas nas publicações, o que se associa ao que (Jenkins; Ford; Green, 2014) apontam como série de decisões de cunho social quando difundimos algum texto na mídia.

Uma das jovens evangélicas tem pouca participação nas redes sociais digitais e afirma que se sente incomodada com a exposição e com as intrigas que são geradas pelas pessoas nas redes:

[...] eu acho, não é que eu não acho certo, mas eu já não gosto de me expor, por exemplo. Justamente porque tem muito isso de intriga, de entender errado. Então eu acho que a rede social hoje as pessoas se expõem demais e não acho que seja uma necessidade. Até foto eu cuido, evito postar, seleciono bem o que eu vou postar. Eu acho que as pessoas elas se expõem mais do que precisa. (JE3, 2016).

O depoimento se relaciona com o terceiro entorno, o novo ecossistema, em que vivemos hoje e que representa uma mudança do tempo e de todo o contexto sociocultural, que Martín-Barbero (2009b) discute no mapa das mutações culturais.

³ Para a análise dos depoimentos e publicações dos jovens no Facebook, decidimos utilizar uma numeração para cada jovem, de 1 a 3 em cada grupo pesquisado, preservando a identidade dos sujeitos pesquisados.



O autor aponta que somos vistos e vemos neste mundo, intermediado pelas redes sociais neste caso específico, e que há uma construção de visibilidade para nós e para os outros (Martín-Bar, 2009b).

Nesse sentido, o próprio Facebook passa a ser uma mediação tecida pela tecnicidade, permitindo com suas ferramentas acesso a informações e trocas sociais entre os indivíduos, e de identidade, de acordo com as vivências de cada integrante da rede que busca se reconhecer e ser reconhecido. A mediação da tecnicidade no sentido da identidade (Martín-Barbero, 2009b) também se sobrepõe à institucionalidade quando os valores dos jovens se moldam e constituem de acordo com as instituições ou grupos aos quais pertencem.

Os números⁴ dos perfis dos jovens em conflito com a lei demonstram pouca exposição ou interação na rede social digital. Os três jovens em conflito com a lei (JCL) têm poucos amigos no Facebook se comparados com os jovens evangélicos. O JCL2 tem 45 amigos na rede social, o JCL1 tem 286 e o JCL3 não tem o número de amigos aberto. Já os três jovens evangélicos (JE) têm 624 (JE1), 1.365 (JE3) e 3.157 (JE2) amigos nos perfis do Facebook.

A quantidade de páginas curtidas dos jovens evangélicos também é maior se comparada aos jovens em conflito com a lei: 1.526 (JE2), 281 (JE1), 110 (JE3) e 532 (JCL2), 139 (JCL3), 21 (JCL1). A situação de estarem em conflito com a lei pode estar relacionada à pouca exposição e interação desse grupo de jovens no Facebook, como ainda mostra o número de check-ins comparado aos jovens evangélicos.

O JCL1 não fez check-in na rede social, o JCL2 fez um check-in em um shopping e o JCL3 fez 20 check-ins, entre eles, em supermercado, terminal de ônibus, aeroporto e igreja. No grupo dos jovens evangélicos, a JE3 fez 33 check-ins, entre eles, em igreja, universidade, locais turísticos, de

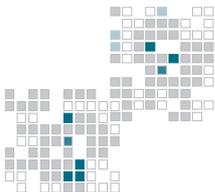
lazer e alimentação; o JE2 fez 56 check-ins, entre eles, em igrejas, cinemas, locais turísticos, de lazer e de alimentação; a JE1 fez 72 check-ins, entre eles, em igrejas, universidade, escola de dança, aeroportos, locais turísticos, de lazer e de alimentação.

Os três jovens evangélicos têm mais *posts* no Facebook no período, um total de 96, em comparação aos três jovens em conflito com a lei, ao todo com 38 *posts*. A tímida participação dos jovens em conflito com a lei reflete o período em que estão na Casa de Semiliberdade, de segunda a sexta-feira, com *posts* apenas aos fins de semana nos dois primeiros meses de análise.

Há ainda poucas curtidas, comentários e respostas a comentários nos perfis dos jovens em conflito com a lei no Facebook. O *post* com maior número de reações é do JCL2, com 23 curtidas e quatro comentários, e traz um trecho da música funk “Eu so Pegada MLK”, de MC Juninho e MC Fininho. “De dia tô na quebrada é fácil de me encontra, a noite [sic] tô com a fiel eu desligo meu celular” é o texto do *post* que tem uma selfie do JCL2 sozinho com um sorriso tímido tirada do ângulo de baixo para cima. Uma parede com alguns certificados aparece no fundo da foto. Já o *post* com maior número de reações do grupo de jovens evangélicos é da JE3, com 192 curtidas, 18 “amei” e 18 comentários. A selfie da JE3 com os dois irmãos deitados no colo dela em um sofá – os três estão sorrindo e se abraçando – tem a legenda: “Uma foto para fingir que a gente se ama ❤️”. Os *posts* remetem ao que Castells (2003) discute na constituição da sociedade em rede, que é a sociedade em que vivemos, quando a Internet processa a virtualidade e a transforma em nossa realidade. Nesses casos, a partir das vivências e percepções dos jovens há mensagens colocadas em circulação no Facebook com mediações que atravessam o ambiente digital.

Os *posts* dos jovens pesquisados foram enquadrados em categorias criadas a *posteriori* de

4 Os números dos perfis correspondem ao mês de janeiro de 2017.



acordo o andamento da análise no Facebook nos perfis de ambos os grupos. Em alguns casos um *post* se enquadrou em mais de uma categoria. Ao todo, foram identificadas 28 categorias, que podem ser vistas nas tabelas 1 e 2.

Os conteúdos mais publicados pelos jovens em conflito com a lei se enquadram nas categorias *selfie sozinho* (11), *comportamento* (9), *sentimento* (9), *música* (8) e *religioso* (7), conforme mostra a tabela 1. Ao todo foram identificadas 11 categorias.

Notamos mudanças no perfil do JCL2 quando adicionado pelo perfil desta pesquisa, em novembro de 2016, até janeiro de 2017. Em novembro,

identificação. Em novembro, havia 775 amigos e em janeiro apenas 45.

Esses dados remetem à mediação de identidade e tecnicidade apontada por Martín-Barbero (2009b) no terceiro mapa das mediações. Primeiro, quando o próprio jovem afirma que não se vê mais no perfil antigo do Facebook – ele disse que mudou seus pensamentos após ficar preso, o que teria se refletido no Facebook. Segundo, quando utiliza as possibilidades das redes sociais para “reformular” seu perfil com conteúdos diferentes, sem relação a crimes, e com um contato mais restrito com as pessoas que estão nas redes – o que se relaciona com o depoimento do jovem na entrevista em profundidade sobre o perigo das redes sociais:

Tabela 1. Categorias dos posts dos jovens em conflito com a lei no Facebook

CATEGORIA	NÚMERO DE POSTS
Selfie sozinho	11
Comportamento	9
Sentimento ¹	9
Música ²	8
Religioso	7
Família	2
Futebol	2
Atualização da foto de perfil	2
Atualização da foto de capa	2
Segurança	1
Trabalho/profissão	1

Fonte: Próprias autoras.

Facilitando, às vezes facilitando muita coisa, entendeu? De matar uma pessoa. Hoje em dia tá muito perigoso assim essas redes sociais, entendeu? Tá muito perigoso isso, entendeu? [...] Tipo, eu que já fiz algumas coisas erradas na vida, cara, isso me assusta muito, cara, essas tecnologia [sic] de hoje em dia, cara, me assusta muito. Me assusta pra caramba, cara. (JCL2, 2016).

Já os conteúdos dos perfis dos jovens evangélicos são mais diversificados, enquadrando-se em 27 categorias. *Selfie acompanhado(a)* (15), *amizade* (13), *lembrança do Facebook* (13), *religioso* (12) e *família* (11) são as categorias mais *postadas* por esse grupo, conforme mostra a tabela 2.

As tabelas 1 e 2 mostram que os jovens em conflito com a lei apresentam características de individualidade nos *posts* do Facebook. Além de a categoria mais *postada* ser *selfie sozinho*, não aparecem *posts* sobre lazer, amizade, festas e apenas dois sobre família. A reflexividade sobre comportamentos e a expressão de sentimentos por meio do Facebook pode ser uma forma de os jovens uti-

a foto de capa mostrava dois meninos, de aproximadamente cinco anos, encapuzados, com um dos dedos indicadores levantados e na outra mão segurando um rifle cada um, num terraço. Outras imagens de capa utilizadas anteriormente pelo perfil mostravam armas, duas delas com um menino com rifle e outra com uma adolescente com uma arma encostada no rosto. Essas fotos foram apagadas do perfil. Em novembro, o nome do perfil também remetia a um apelido e, em janeiro, o nome e sobrenome foram inseridos como

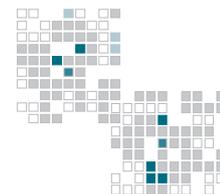


Tabela 2. Categorias dos posts dos jovens evangélicos no Facebook

CATEGORIA	NÚMERO DE POSTS
Selfie acompanhado(a)	15
Amizade	13
Lembrança do Facebook	13
Religioso	12
Família	11
Literatura	2
Música ³	10
Festa	9
Lazer	8
Comida	8
Humor	6
Trabalho/profissão	4
Aniversário	4
Selfie sozinho(a)	4
Comportamento	4
Cachorro/gato	4
Atualização de foto de perfil	3
Sentimento ⁴	3
Jogos	3
Futebol	3
Tatuagem	3
Carros	2
Drogas	2
Televisão	1
Solidariedade	1
Skate	1
Dança ⁵	1

Fonte: Próprias autoras.

lizarem a rede para expor seus pontos de vista ou para “mostrar a realidade”, como disse o JE2 durante a entrevista em profundidade. Esses dados podem ser associados à mediação individual (cognitiva) (Orozco Gómez, 1994) imbricada nos *posts* sobre comportamento a partir dos pontos de vista dos jovens e da pouca exposição na rede social.

Os *posts* dos jovens evangélicos mostram mais sociabilidade com as categorias selfie acompanhado(a), amizade, família, lazer e fes-

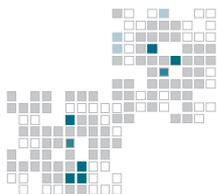
tas entre as mais *postadas*. Podemos associar esse dado com a mediação de socialidade (Martín-Barbero, 2009a) transposta para o Facebook nas relações cotidianas dos jovens pesquisados. Observamos ainda a presença da mediação de tecnicidade (Martín-Barbero, 2009a) em alguns *posts* da rede social digital quando o JE2 utiliza os instrumentos da rede para expressar o gosto pela música ao mesmo tempo em que convida o público nas redes para comparecer a shows.

A mediação institucional (Orozco Gómez, 1994; Martín-Barbero, 2009a) aparece em ambos os grupos quando observados os perfis na rede social digital. No caso dos jovens em conflito com a lei, quando há restrição de acesso à rede social digital, que não pode ser acessada de segunda a sexta-feira enquanto estão na Casa de Semiliberdade; no caso dos evangélicos, com o número de *posts* religiosos entre os mais *postados* e os check-ins em igrejas.

A convergência de meios também aparece nas publicações dos jovens no Facebook quando, por exemplo, conteúdos de jornais impressos e programas televisivos são adaptados para a internet e compartilhados na rede social digital, o que se relaciona com a complementariedade, e não exclusão, dos meios em contexto de convergência (Orozco Gómez, 2006; Primo, 2010).

Os três jovens evangélicos compartilharam conteúdos da mídia ao todo em 10 *posts* das categorias comportamento (2), humor (2), futebol (1), tatuagem (1), lazer (1), televisão (1), solidariedade (1), comida (1), amizade (1). Os conteúdos se referem principalmente a links de matérias compartilhadas pela mídia⁵ – apenas um dos compartilha-

⁵ Os compartilhamentos foram de conteúdos dos sites e páginas no Facebook do “Buzzfeed”, “Mega-curioso”, “Desimpedidos”, “Gazeta do Povo”, “Curitiba Cult”, “Pretinho Básico”, “RPCTV”, “Hype-ness” e “Ultra-curioso”.



mentos traz a informação diretamente no *post* e outro *post* tem memes dos personagens Chaves e Seu Madruga, do seriado “Chaves”⁶. Apenas um jovem em conflito com a lei, o JCL2, compartilhou conteúdos da mídia no Facebook em um *post*. A publicação se enquadra nas categorias segurança e música e traz um link⁷ do YouTube que intercala uma música funk com matéria sobre tiroteio do programa “Cidade Alerta”⁸.

As interações dos jovens por meio de compartilhamentos, curtidas e comentários no Facebook também remetem à convergência cultural quando o processo de convergência é visto a partir de transformações culturais do público em suas interações sociais com os outros (Jenkins, 2009).

Durante as entrevistas em profundidade, os jovens falaram que quando estão nas redes sociais digitais se sentem irritados pelas discussões e alguns conteúdos *postados* (JE1 e JE3), estáveis (JE2) e bem porque sabem de tudo que está acontecendo (JCL1 e JCL3). “Ah, eu me sinto fora de casa e dentro de casa. (risos). A mema [sic] coisa de eu tá lá, entende? Ah, como que eu posso dizer? Tudo que acontece eu tô presente, né? Mas mesmo eu tando [sic] dentro de casa. É assim que eu me sinto” (JCL3, 2016), 19 anos. Esse último depoimento nos remete novamente à mediação de socialidade (Martín-Barbero, 2009a) quando o jovem se sente presente em relações e trocas que acontecem no ambiente virtual. Os resultados ainda se relacionam ao que Winocur (2009) fala sobre o nível de dependência e interação e a necessidade de estar disponíveis uns com os outros gerada com a tecnologia no contexto do público jovem.

6 Exibida pelo SBT, a comédia de situação trata sobre as interações de um grupo de pessoas que moram em uma vila pobre. Chaves, o protagonista do seriado, é um menino órfão de oito anos que muitas vezes enfrenta problemas com adultos. Disponível em: <<https://goo.gl/UTJBH>>. Acesso em: 2 ago. 2018.

7 Disponível em: <<https://goo.gl/qiMeGw>>. Acesso em: 2 ago. 2018.

8 Programa jornalístico exibido pela Record TV que traz notícias, violência urbana e crimes. Disponível em: <<http://noticias.r7.com/cidade-alerta/>>. Acesso em: 31 ago. 2018.

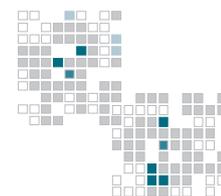
Quando questionados se já se arrependeram de algum conteúdo *postado*, falaram que sim – os três jovens evangélicos citaram que se arrependeram de algum conteúdo pelo que viram na ferramenta “lembranças do Facebook”. Eles se arrependem por se expor demais (JE3), postar conteúdos “engraçados que achava muito idiota, alguma piada” (JE1), “só falar sobre skate” (JE2), por marcar a pessoa errada num *post* que era para a esposa (JCL3) e por *postar* um texto reflexivo sobre o tempo que passa e que teve poucas curtidas (JCL1). “Eu mesmo inventei de mim mesmo, né, cara? Só que cheguei a apostar [sic] [*postar*] lá e foi só 50 pessoas que curtiu [sic] mesmo e comentaram tudo assim, né? Mas não foi muita coisa, né? Daí na verdade eu me arrependi de ter apostado [sic] [*postado*]” (JCL1, 2016), 18 anos.

A maioria das afirmações dos jovens durante as entrevistas em profundidade em relação ao conteúdo que produzem e compartilham no Facebook se confirmou na análise na rede social – apenas um depoimento sobre os *posts* no Facebook não se confirmou na etnografia virtual. O JCL1 disse que compartilha notícias que interessam para as pessoas, como informações sobre futebol, cantores e acidentes. Porém, não há *posts* sobre esses assuntos no perfil no Facebook do jovem.

6. Considerações

Percebemos as mediações apontadas nos dois mapas (1998, 2009) desenhados por Martín-Barbero (2009a, 2009b) e as múltiplas mediações propostas por Orozco (1994) atravessadas nas publicações dos jovens na rede social digital. As mediações de institucionalidade (Martín-Barbero, 2009a; Orozco Gómez, 1994) e socialidade (Martín-Barbero, 2009a), por exemplo, aparecem com a família e a religião como categorias presentes em conteúdos publicados na rede social por ambos os grupos analisados.

A mediação de tecnicidade (Martín-Barbero, 2009a) aparece quando os *posts* evidenciam as



possibilidades de ferramentas do Facebook com a publicação de conteúdos convergentes principalmente a partir da mídia. Além disso, essa mediação aparece como possibilidade da busca pela família em um depoimento de um jovem em conflito com a lei, o que traz ainda a sobreposição da mediação de socialidade (Martín-Barbero, 2009a). “Na verdade, o Face eu criei só pra achar minha irmã lá do Mato Grosso do Sul, que eu procurei, não consegui achar, né? Só que daí eu encontrei, né?, umas outras irmãs minhas que eu tinha” (JCL1, 2016).

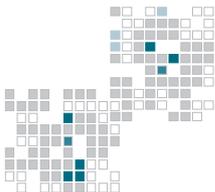
Já as mediações de identidade e tecnicidade (Martín-Barbero, 2009b) ainda podem ser atribuídas ao uso do celular, que também é utilizado para acessar as redes sociais digitais, quando, por exemplo, os jovens utilizam os instrumentos possibilitados pelo aparelho de acordo com os seus interesses. E quando os jovens acessam o Facebook com frequência e em determinados horários e situações, o que foi identificado nas entrevistas em profundidade, há o atravessamento da mediação de ritualidade (Martín-Barbero, 2009a) nos conteúdos publicados na rede social.

A tímida participação e exposição dos jovens em conflito com a lei no Facebook pode estar relacionada à condição de estar em conflito com a lei, o que também se relaciona com a mediação de institucionalidade (Martín-Barbero, 2009a; Orozco Gómez, 1994) e com a mediação situacional (Orozco Gómez, 1994) – essa última por ser apenas em situações fora da Casa de Semiliberdade de Curitiba, principalmente em suas residências, que as publicações são feitas. Além disso, os *posts* desses jovens remetem à mediação individual (cognitiva)

(Orozco Gómez, 1994) imbricada principalmente nos conteúdos que refletem os pontos de vista dos jovens.

A partir da identificação das mediações propostas por Martín-Barbero (2009a, 2009b) e Orozco (1994) atravessadas nas publicações no Facebook, ficou evidente como o contexto no qual os jovens estão inseridos é determinante para a circulação de conteúdos. Isso se reflete nas categorias dos *posts* e nas mediações que perpassam esses conteúdos. Podemos observar, por exemplo, que uma das categorias mais relevantes das publicações dos jovens em conflito com a lei é “sentimentos”, que aparece pouco nos conteúdos publicados pelos evangélicos. Além disso, a categoria “humor” aparece apenas nos *posts* dos jovens evangélicos. O contexto de estar em conflito com a lei pode estar relacionado com a vontade de expressar os sentimentos no Facebook e de não haver humor nas publicações. Enquanto isso, a sociabilidade aparece fortemente nas publicações dos jovens evangélicos, com “amizade”, “família” e “religiosidade” entre as categorias com maior número de *posts*, o que se relaciona diretamente com o contexto no qual estão inseridos.

Os resultados reforçam os conceitos trabalhados pelos autores nos eixos de mediações (Martín-Barbero, 2009a, 2009b; Orozco Gómez, 1994; Lopes, 2014) e circulação de conteúdos (Jenkins; Ford; Green, 2014), relacionando os contextos nos quais os jovens estão inseridos aos próprios valores e decisões de base social para compartilhar mensagens no Facebook. Essas decisões, por sua vez, são atravessadas por múltiplas mediações que se relacionam com as práticas sociais e a vida cotidiana dos jovens pesquisados



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BONIN, Jiani Adriana. Revisitando os bastidores da pesquisa: práticas metodológicas na construção de um projeto de investigação. In: MALDONADO, Alberto Efendy. et al. *Metodologias da pesquisa em Comunicação: olhares, trilhas e processos*. 2. ed. Porto Alegre: Sulina, 2011. p. 19-42.
- CASTELLS, Manuel. Internet e sociedade em rede. In: MORAES, Dênis de (Org.). *Por outra comunicação*. Rio de Janeiro: Record, 2003. p. 255-287.
- DUARTE, Jorge. Entrevista em profundidade. In: _____; BARROS, Antonio (Org.). *Métodos e técnicas de pesquisa em Comunicação*. 2ª ed. São Paulo: Atlas, 2014. p. 62-83.
- FRAGOSO, Suely; RECUERO, Raquel; AMARAL, Adriana. *Métodos de pesquisa para internet*. Porto Alegre: Sulina, 2011.
- JENKINS, Henry. *Cultura da convergência: a colisão entre os velhos e novos meios de comunicação*. 2ª ed. São Paulo: Aleph, 2009.
- JENKINS, Henry; FORD, Sam; GREEN, Joshua. *Cultura da conexão: criando valor e significado por meio da mídia propagável*. São Paulo: Aleph, 2014.
- LOPES, Maria Immacolata Vassallo de. Mediação e recepção: algumas conexões teóricas e metodológicas nos estudos latino-americanos de comunicação. *Revista Matrizes*, São Paulo, v. 8, n. 1, p. 21-44, jan-jun, 2014. Disponível em: <<https://goo.gl/p7EmRH>>. Acesso em: 31 ago. 2018.
- LOPES, Daniel Barsi. A importância da pesquisa exploratória na processualidade teórico-metodológica da investigação em comunicação. In: MALDONADO, Alberto Efendy; BONIN, Jiani Adriana; ROSÁRIO, Nísia Martins do (Orgs.). *Perspectivas metodológicas em comunicação: desafios na prática investigativa*. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2008. p. 283-297.
- MARTÍN-BARBERO; Jesús. Comunicação e mediações culturais. *Revista Brasileira de Ciências da Comunicação (RBCC)*, São Paulo, v. 23, n. 1, p. 151-163, jan-jun, 2000. Entrevista concedida a Cláudia Barcelos. Disponível em: <<https://goo.gl/yCXVIIt>>. Acesso em: 31 ago. 2018.
- _____. *Ofício de Cartógrafo: travessias latino-americanas da comunicação na cultura*. São Paulo: Edições Loyola, 2004.
- _____. *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. 6ª ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009a.
- _____. As formas mestiças da mídia. *Revista Pesquisa Fapesp*, São Paulo, n. 163, p. 10-15, set, 2009b. Entrevista concedida a Mariluce Moura. Disponível em: <<https://goo.gl/3Qe4aP>>. Acesso em: 31 ago. 2018.
- MONEDERO, Claudia Herrán. Un salto no dado: de las mediaciones al sentido. In: OROZCO GÓMEZ, Guillermo (Coord.). *Televidencia: perspectivas para el análisis de los procesos de recepción televisiva*. México: Universidad Iberoamericana, 1994. p. 29-53.
- OROZCO GÓMEZ; Guillermo (Coord.). *Televidencia: perspectivas para el análisis de los procesos de recepción televisiva*. México: Universidad Iberoamericana, 1994.
- _____. Comunicação social e mudança tecnológica: um cenário de múltiplos desordenamentos. In: MORAES, Dênis de (Org.). *Sociedade midiaticizada*. Rio de Janeiro: Mauad, 2006. p. 81-98.
- PRIMO, Alex. Crítica da cultura da convergência: participação ou cooptação. In: DUARTE, Elizabeth Bastos; CASTRO, Maria Lília Dias de (Org.). *Convergências midiáticas: produção ficcional – RBS-TV*. Porto Alegre: Sulina, 2010. p. 21-32.
- THOMPSON, John B. *A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia*. 14ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.
- WINOCUR, Rosalía. *Robinson Crusoe ya tiene celular: la conexión como espacio de control de la incertidumbre*. México: Siglo XXI, Universidad Autónoma Metropolitana, Unidad Iztapalapa, 2009.

